



A ANGÚSTIA FAZ PARTE DA VIDA

ANGUISH IS PART OF LIFE

Nohemí Brown¹

I

Agradeço à PUC-MG pela acolhida e às professoras Ilka Ferrari e Aline Mendes pela possibilidade de estar aqui e acompanhar o trabalho delas, que com tanta dedicação e esmero realizaram e plasmaram no livro organizado por elas².

Gostaria de retomar um ponto com relação ao livro, que tive o privilégio de prefaciar, ao mesmo tempo em que considero os termos que elas me propuseram: o **aluno**, a **universidade** e a **vida**.

Três termos que se articulam e que, de certa forma, um deles tensiona os outros dois. Se pensamos o **aluno**, podemos colocá-lo como uma posição, uma função no âmbito universitário. A **universidade** como a instituição na qual o aluno se inscreve. Mas e a vida? Ela se localiza como? A vida seria estudar, ser aprovado nas disciplinas, obter o título? A questão é como se vive isso.

Por isso, gostaria de problematizar um pouco a questão da vida. Podemos dizer que o que chamamos vida é o que pulsa entre a instituição e a forma como cada um, cada aluno, se inscreve nela. Os motivos pelos quais entra na universidade, escolhe uma profissão, a forma como se relaciona com o saber, com os docentes... Nesse sentido, há várias formas de se inscrever, de viver a universidade, inclusive de poder passar do estatuto de aluno ao de profissional. Podemos dizer que algo anima; mas não é simples, nem simples de escolher ou ultrapassar obstáculos. Mas isso faz parte da vida... Há impasses, obstáculos que também fazem parte do que podemos chamar de vida, e que implicam a universidade. Esses obstáculos ou impasses, quando ultrapassados, produzem efeitos e uma outra satisfação muitas vezes diferente da que inicialmente se pensou ou que se chegou a imaginar. Por isso, a vida na universidade é um tempo importante, de desafios e de escolhas às vezes muito difíceis de fazer. Se vocês

¹ Psicanalista, Doutora pela Universidad Autonoma de Madrid, Mestre pela Universidad Complutense de Madrid. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Professora dos cursos de pós-graduação “Saúde Mental e Psicanálise” e “Psicologia clínica e Psicanálise” na PUC-PR. Autora do livro Lacan-Dalí: das obras, dos caminos, un encuentro, pela editora Grama (Buenos Aires). nohemib@uol.com.br

² FERREIRA, I.; MENDES, A. *O sofrimento psíquico de Jovens no espaço universitário*. Belo Horizonte: Escuta, 2021.



percebem, coloco que há algo que não é possível eliminar no que podemos considerar como vida, vinculada ao estatuto do aluno.

Por isso quero partir de uma afirmação: a angústia faz parte da vida. A angústia, no discurso comum, está associada a situações difíceis ou momentos trágicos para as pessoas. O momento da entrada na universidade, a saída dela, os impasses nos encontros com o saber, com o outro sexo, com os docentes ou colegas – todos são momentos determinantes na vida de cada sujeito e que podem desencadear a angústia. A angústia como algo que irrompe. Mas também é inerente à vida.

Mas a angústia é um elemento que nos indica que algo importa. Um resíduo inerente ao ser humano. Sabemos que o ser que fala é marcado por palavras, pela linguagem. Para entrar no mundo propriamente humano, é necessário passar o que lhe acontece no corpo ao ritmo da linguagem. Até as necessidades orgânicas são estruturadas pela linguagem. Para isto, basta ver como se passa com as crianças e a importância da entrada na linguagem; a importância da espera. Entra numa temporalidade e uma lógica que perturba o corpo puramente orgânico. Submeter a experiência de um corpo à estrutura da linguagem implica uma perda de vida, de satisfação. Então, por um lado, o sujeito é sujeito da fala, mas que experimentou que algo se perdeu. Isto é, uma certa ordem simbólica o atravessa. Mas tem algo que, por mais que se tente domesticar, ao simbolizar fica como resto dessa operação. É neste ponto que a angústia entra. Ela pode ser um sinal de que algo é importante, de que mesmo que se tenha um ideal ou uma orientação, quando ela se apresenta é necessário levá-la em conta. Há algo de vida na angústia, de uma vida não no sentido romântico, mas no sentido de algo que é importante ler e considerar.

II

Vou trazer um exemplo de um escritor com o qual trabalhei há muito tempo e que nos permite pensar a questão da angústia como parte da vida: Jorge Semprún, um sobrevivente dos campos de concentração³. No relato que intitulou “O olhar”⁴ (*La mirada*), ele traz algo da dimensão da vida. Esse relato está no livro *La escritura o la vida*, uma de suas obras mais conhecidas, que pode ser considerada como obra literária, mas também como testemunho de um sobrevivente. Essa é a particularidade de sua escrita. O livro todo tem várias pérolas. Mas

³ Jorge Semprún nasceu em Madri, em 1923. Em 1939, sua família mudou-se para Paris. Membro da Resistência sob a ocupação alemã na França, foi detido, torturado e enviado ao campo de concentração de Buchenwald. Após sua libertação, converteu-se em um dos mais importantes memorialistas e romancistas dos últimos anos.

⁴ SEMPRÚN, J. *La mirada*. In: SEMPRÚN, J. *La escritura o la vida*. 4. ed. Barcelona: Tusquets editores, 2007.

o texto “La mirada” me chamou a atenção de forma particular. Nele, Semprún narra de modo particular um olhar que o impressionou ao fugir do campo de concentração. Ele inicia dizendo: “eu me olhei de vez nesse olhar de espanto: em seu pavor”. Ao longo do escrito, vamos descobrindo que o olhar de espanto era o de três soldados britânicos que tinham vindo resgatá-lo. E justamente esse olhar de espanto, de “horror”, é um ponto que se torna fundamental em sua escritura. Curiosamente, tratava-se não de um olhar de surpresa ou de curiosidade, mas de um momento de horror. O olhar desse primeiro encontro com os oficiais que não passaram pela experiência do campo de concentração. E o interessante é o efeito que esse olhar provocou nele. Ele indica que, apesar de os soldados depois evitarem olhá-lo, para ele teve um efeito de angústia: “me olhei no olhar horrorizado pela primeira vez em dois anos”⁵.

O olhar de horror dos soldados o divide, e ele se reconhece como vivo, como sobrevivente. O que esse olhar lhe devolve é o corpo vivo, como ele diz, “enfraquecido, mas vivo”. Como ele esclarece, no campo de concentração viver era algo que já não se cogitava. Ele o diz de forma muito contundente:

Ninguém tinha estado o suficientemente vivo como para sonhar, inclusive, para se arriscar a imaginar um porvir [...] sobreviver, simplesmente, inclusive despojado, acabado, desfeito, já teria constituído um sonho um pouco disparatado. Ninguém teria se atrevido a sonhar com isso.⁶

O olhar dos soldados lhe traz o “sobressalto do despertar, ou o retorno ao próprio ser”, e o submete a uma angústia. O que me parece muito interessante é a leitura que ele faz da angústia: “Era o fato de estar vivo, mesmo em sonhos, que era angustiante”. A angústia de viver, de estar vivo. Não se trata do temor à morte, senão a vida mesma que lhe devolve o olhar: “sobrevivi”. Devolve-lhe o corpo vivo.

Mas, a “angústia de viver” o coloca frente à questão: e fazer o quê agora? Sobrevivente para o quê? Este é um ponto fundamental. Ele circunscreve a angústia em uma questão que lhe retorna e lhe implica. O que faço com isso? Ele se responde que, como sobrevivente, é importante que possa contar as atrocidades das quais foram vítimas nos campos. E isto o faz se questionar: “mas se pode contar? Poderá ser contado alguma vez? É possível dizer a verdade sobre o horror?”. Jorge Semprún duvida se realmente pode contar algo, ou escrevê-lo. Ele, como sabemos, fará disso um trabalho.

⁵ SEMPRÚN, J. *La mirada*, *op. cit.*, p. 26. Tradução nossa.

⁶ *Ibidem*, p. 22. Tradução nossa.

Um olhar que lhe devolveu a vida sob a forma da angústia. O que é interessante são as perguntas, apropriar-se delas. O que faço agora com este corpo, com a situação que vivi?

Trouxe Jorge Semprún aqui, porque, de certa forma, ele nos permite pensar o valor de vida que pode implicar a angústia.

III

Mas a angústia tem diferentes facetas: a angústia que paralisa, ou a angústia que provoca o ato, o que chamamos atuação ou passagem ao ato. Poderíamos dizer que essa é a angústia quando ela não encontra formas de ser elaborada, quando não há esse intervalo que a pode circunscrever numa pergunta.

Essa é uma questão tocada com sutileza nas leituras oferecidas neste livro sobre os impasses da passagem de estudante a profissional. Estamos num mundo onde há mais respostas do que perguntas. Encontramos respostas para tudo: basta abrir a internet! Inclusive, divirto-me muito no Google, pois já nem a pergunta você precisa fazer. Já vem uma série de perguntas antecipando o que pode te interessar, junto com as respostas. Se tomamos a dimensão da angústia, há algo da experiência onde não há nem sequer a pergunta. Por isso, apropriar-se da experiência não é qualquer coisa. Ou como diz Agamben: “...o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência”⁷. O que isso quer dizer?

Por meio da clínica sabemos que a angústia pode irromper na vida de alguém a partir de episódios mínimos que, de certa forma, podem parecer inconsequentes. Algumas das experiências recolhidas nos trabalhos do livro organizado por Ilka e Aline nos ilustram essa situação: um toque, uma escolha a ser feita, uma mudança... Algo irrompe como insuportável, algo incompreensível, para o qual não se consegue encontrar sentido ou se formula um sentido a mais que coloca o sujeito num lugar problemático.

A experiência subjetiva da angústia não deixa quem a experimenta com dúvida alguma disso. Há na angústia uma dimensão de certeza. Não se sabe bem o que se passa, mas se sabe que se deve fazer algo para que isso passe. Nesse sentido, a angústia é uma experiência que implica uma certeza. Inclusive, podemos considerar que esse é um dos paradoxos da atualidade: frente às incertezas do mundo, a angústia se torna uma certeza. A certeza que não deixa dormir, que produz medo da morte.

⁷ AGAMBEN, G. Ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 21.

Podemos pensar que a angústia é um efeito de ruptura, mas também podemos dizer que a própria angústia é uma experiência de ruptura, porque faz presente a perda das referências sobre as quais alguém se sustenta.⁸

A angústia pode ser paralisante, ou incitar ao ato, mas também há algo nela que é ineliminável. Porém, é necessário dar-lhe um tratamento. A vida universitária implica essa dimensão da angústia ineliminável, que faz parte da vida. Muitos de vocês terão que fazer trabalhos e especialmente um trabalho de finalização do curso. A angústia vai se fazer presente; pode causar inibições, impasses e mal-estares. Mas, conforme se avança no trabalho e se renuncia a escrever tudo o que se pretendia pesquisar, pode-se ir colocando o corpo e avançar nele. A angústia também vai fazer parte da defesa, causando um certo alerta. Mas quando defender, ultrapassando esse ponto de angústia, a satisfação que se obtém é de outra ordem. Naquele momento, é um alívio. Mas é interessante como, depois de passado certo tempo, na minha experiência como orientadora, em muitos alunos – quando retomam seus trabalhos, talvez porque os encontraram arrumando o quarto, ou porque queriam continuar com o tema para fazer um mestrado – aparece a dimensão da surpresa. É com surpresa que eles se encontram com frases ou elaborações: “eu disse isso, já naquela época”. Uma satisfação que vem em um segundo momento, mas que se decanta ao se colocar a trabalho para ultrapassar a angústia. Não sem ela, mas não dominados por ela. O que chamamos, com Jacques Lacan, de atuação ou passagem ao ato, é tentar eliminar a angústia e, com ela, a dimensão subjetiva.

Se vocês percebem, com a angústia nos encontramos com um paradoxo: a angústia tem um pé na causa do desejo. A angústia implica uma experiência que pode ser vivida de várias formas. Quando ela não pode ser circunscrita ou faz sintoma, é necessário que o sujeito na sua questão mais íntima possa ser ajudado a atravessá-la para suportar a incerteza e abrir uma brecha para encontrar outro lugar para si mesmo.

A angústia, enquanto o que não engana, indica ao próprio sujeito sua condição singular e visa apostar no que se pode construir. Poder inventar, pela via que for possível, além do discurso social, um nome digno e singular para essa certeza que angustia a cada um.

Quero terminar com uma referência ao livro que também nos mostra a dignidade e a vida que pode se extrair em situações tão delicadas. A partir dos projetos colocados em prática e sustentados nas mais diversas instituições universitárias é dado um lugar à angústia, ou ao que irrompe sob o termo urgência, mas não sem uma ética. Uma aposta em diferentes trabalhos que, com o rigor da pesquisa, nos ensinam e ilustram como uma ética marca uma ori-

⁸ TARRAB, M. La certeza de la angustia. In: TARRAB, M. *Una práctica de la época. El psicoanálisis en lo contemporáneo*. Buenos Aires: Grama, 2005. p. 49.

entação e as invenções que podem ser possíveis a partir de diferentes propostas. Em poder acolher o que desse discurso produz impasse e faz sintoma.